

ARTIGO

Juventude, etnicidade e classe social. O estigma de viver na Quinta da Fonte

Otávio Raposo – Sociólogo¹

Resumo

Os domínios do trabalho e do parentesco são muitas vezes considerados “mundos antagónicos”, incomunicáveis, na nossa sociedade. No entanto, aquilo que observámos entre os jovens descendentes de imigrantes africanos do bairro da Quinta da Fonte (Loures) foi a completa indissociabilidade entre estas duas esferas. Ao articularmos as estratégias de educação familiar com a posição de classe e as actividades económicas dos jovens do bairro tornou-se mais fácil compreender os seus diversos percursos escolares e profissionais.

Work and family are often considered opposite worlds in our society, unable to communicate between them. However, the reality we have observed among the descendents of African immigrants in the neighbourhood of Quinta da Fonte (Loures) shows us those two fields are inseparable. By relating the strategies of familial education to both the social status and the economical activities of the neighbourhood's youngsters, it became easier to understand their performances at school and at a professional level.

Le domaine professionnel et le domaine familial sont très souvent considérés comme deux domaines antagoniques. En effet, dans notre société, un océan les sépare. Cependant, on observe, parmi les jeunes descendants d'immigrés africains, du quartier de Quinta da Fonte (Loures), une totale indissociabilité de ces deux domaines. Si on fait le rapprochement entre les stratégies d'éducation familiale et leur situation économique et sociale, il devient, alors, difficile de comprendre leurs parcours scolaires et professionnels respectifs.

¹ Concluiu a licenciatura em Sociologia na FCSH e o Mestrado em Antropologia Urbana pelo ISCTE. É sociólogo na Comunidade Vida e Paz – Instituição de Apoio aos Sem Abrigo. Este artigo baseia-se na investigação do Estágio Profissional realizado com o Fórum Sociológico (FCSH/UNL) e a Câmara Municipal de Loures em 2005.

1. Introdução

A ideia de que os domínios da economia e do parentesco são incomunicáveis na nossa sociedade está profundamente enraizada. Seriam os processos de industrialização e de modernização responsáveis pelo afastamento entre ambas as dimensões (Parsons, 1955), pensadas enquanto esferas de acção antagónicas da vida social dos indivíduos (Lima, 2004). Um dos defensores desta perspectiva foi o sociólogo Talcott Parsons (1955), ao concluir que o desenvolvimento da sociedade industrial ocasionou a separação e a especialização do mundo do trabalho e da família, que passaram a exercer diferentes papéis de forma a garantir a sua estabilidade e o seu bom funcionamento.

Uma das consequências dessas transformações seria a perda de importância da família no âmbito económico². Segundo esta concepção funcionalista, a industrialização alterou o papel da família, assim como a sua relação com outras instituições sociais, tornando-a quase irrelevante no conjunto das actividades produtivas (Pleck, 1976). Como sublinha a antropóloga Antónia Lima (2004), a separação entre as esferas de acção do parentesco e da economia possui uma forte carga ideológica, constituindo-se como um elemento constitutivo:

“(…) do sistema capitalista moderno que, ao retirar à família e às relações interpessoais a sua importância na produção das actividades económicas, impede-nos de ver uma parte crucial das actividades e relações sociais através das quais se produz e reproduz o sistema” (Lima, 2004:117).

Desta forma, as teorias funcionalistas analisaram os domínios da economia e do parentesco em pólos opostos, baseando-se numa suposta distinção de actividades e de objectivos, nas quais as interferências mútuas seriam praticamente inexistentes (Pleck, 1976). Tal abordagem analisa ambas as dimensões isoladamente, dividindo-as em diferentes unidades emocionais e geográficas. Isto é, enquanto o domínio da economia estaria relacionado com as esferas do trabalho, da impessoalidade, da racionalidade, dos interesses, dos objectivos e com as normas públicas e universais, o domínio do parentesco estaria ligado ao que é familiar, íntimo, emocional e às normas particulares e pessoais. As próprias forças políticas e produtivas da nossa sociedade capitalista são as principais responsáveis pela propagação desta ideia de incompatibilidade entre as duas dimensões, muito aceite nos discursos de senso comum e até mesmo no interior das ciências sociais. Todavia, um conjunto de investigadores tem vindo a rebater estas teorias, salientando o carácter multidimensional da vida social. A inseparabilidade das várias esferas sociais seria o caminho a seguir, pois nas vidas em sociedade não existiriam dimensões independentes. Sem entender a base afectiva e familiar dos indivíduos, as suas referências culturais, não poderemos compreender os seus objectivos, interesses e, inclusive, a sua localização no mundo do trabalho.

A investigadora Antónia Lima (2004) tentou demonstrar a necessidade de apreender a dimensão económica, entrelaçada com a dimensão do parentesco no seu estudo sobre as empresas familiares. Este tipo de organização pode ser considerado como uma espécie de “caricatura” da indissociabilidade entre estas duas esferas, pois as suas relações económicas estão tão imersas em relações de parentesco que se torna quase impossível concebê-las isoladamente. Como explica esta autora:

² Nesta óptica, o “grau de civilização” de uma sociedade poderia ser pensado a partir da forma pela qual os laços de parentesco são vivenciados. Assim, acaba-se por transmitir a ideia de que nas sociedades onde o peso do parentesco é maior teríamos menos civilização e/ou sociedades com um baixo nível de desenvolvimento tecnológico (Parsons, 1955).

“(…) se queremos compreender as sociedades capitalistas temos de começar por perceber como se produzem as motivações, identidades e estratégias capitalistas dos sujeitos, pois não podemos simplesmente presumir que estas pessoas perseguem estratégias económicas racionais motivadas por um qualquer interesse universal de acumulação de capital. Para levar a cabo este tipo de análise teremos, portanto, de reflectir sobre os sentimentos, significados e subjectividades que motivam e formam as acções empresariais nas suas práticas e experiências quotidianas, alargando o âmbito de reflexão e destruindo as fronteiras do que se define como actividade económica, organização e estratégia empresarial, família e parentesco” (Lima, 2004:134).

Se, por um lado, podemos considerar que a industrialização e outras transformações registadas na estrutura do trabalho e da economia influenciaram e alteraram a vida familiar, constatamos, por outro, que esta dimensão continua a ser fundamental para a compreensão das esferas económicas e produtivas na sociedade actual. A estrutura familiar alterou-se, o seu significado também, mas a esfera do parentesco continua a manter um carácter decisivo na reprodução do sistema capitalista e de um determinado modo de vida (Pleck, 1976). Por isso, para apreender um pouco da realidade dos jovens descendentes de imigrantes africanos da Quinta da Fonte, no Concelho de Loures, tivemos de conjugar a esfera do parentesco com as dimensões referentes à economia. A pertença étnica e as trajectórias escolares e profissionais foram outras dimensões abordadas na tentativa de conseguirmos conhecer estes jovens. Só desta forma poderíamos identificar o peso relativo que as diferentes condições estruturais – neste caso as relativas à posição de classe e à filiação étnica – teriam no desenvolvimento das estratégias de socialização utilizadas pelas famílias destes jovens e também perceber como estes factores actuam na construção de determinadas trajectórias escolares e profissionais. Em outras palavras, tentámos analisar qual a importância da posição de classe e da pertença étnica para a compreensão dos tipos de inserção laboral, em que a precariedade é um sinal distintivo, e de que forma as estratégias de socialização familiar influenciam e interagem na construção de um determinado percurso escolar e profissional. Tendo em conta a inseparabilidade das diversas esferas sociais, observar a sua interacção seria a melhor forma de conhecer alguns aspectos da realidade social destes jovens. Antes de relacionarmos este conjunto de dimensões, faremos uma breve descrição histórico-social do bairro onde estes jovens estão inseridos, de forma a melhor contextualizá-los, pois o território assume um papel fundamental para a compreensão das suas relações. A organização espacial de um território influencia e é influenciada pelo *modus vivendi* de uma dada população, num permanente processo de (re)construção (Antunes, 2002), o que torna obrigatório o enquadramento histórico e social da Quinta da Fonte.

2. Nota metodológica

A investigação no bairro da Quinta da Fonte, bairro localizado na Freguesia da Apelação, teve a duração de nove meses e foi realizada no âmbito do Estágio Profissional promovido pelo Fórum Sociológico (FCSH/UNL) e a Câmara Municipal de Loures em 2005. Propusemo-nos, então, a compreender os processos de construção de identidades culturais e territoriais dos jovens de origem africana do bairro e a sua relação com as diversas instâncias sociais em que estão inseridos, como a família, a escola e o trabalho.

Para este efeito, procurámos conhecer o percurso biográfico de quatro jovens do bairro, através de entrevistas semi-dirigidas que utilizaram a metodologia “relatos de vida”³, e as visões que funcionários e dirigentes de instituições e associações⁴ presentes na Quinta da Fonte tinham sobre eles e o processo de realojamento. Privilegiou-se neste estudo o método “hipotético indutivo”, pois foi através da pesquisa de terreno que definimos conceitos e hipóteses de trabalho. Para formulá-los, estivemos permanentemente no bairro, em contacto directo com os jovens, participando das situações por eles vividas. Desta forma, valorizámos a observação participante e o trabalho de campo, dado que estas técnicas permitem uma actualização constante das ideias e dos problemas encontrados, numa permanente troca entre observador e observado (Burgess, 1997). Acompanhar o quotidiano dos jovens em locais de intensa sociabilidade (esquinas, associações, cafés e outros) revelou-se importantíssimo para ganhar a sua confiança e fazer entrevistas que pudessem permitir um olhar “de perto e de dentro” das relações laborais, escolares e familiares, revelar o seu quotidiano, momentos de lazer, as redes de amizade, entre outras questões (Magnani, 2003).

Como a investigação etnográfica apela a diferentes escalas de observação e análise (Gulick, 1989), esta foi realizada, num primeiro nível, no acompanhamento do quotidiano de alguns jovens que frequentavam o Centro Comunitário da Apelação⁵. Num segundo nível, nas ruas e esquinas que constituem ponto de encontro e de sociabilidade para os jovens. Num terceiro nível, tivemos em atenção os discursos que esses jovens fazem do bairro e das experiências vivenciadas nas várias esferas sociais. Por último, entrevistámos, como já referido, funcionários das instituições presentes no bairro.

A impossibilidade de conhecer todos os jovens de origem africana da Quinta da Fonte – algumas centenas – ou construir, devido às limitações de tempo, uma amostra representativa deste universo, tornou indispensável adoptar uma metodologia que nos permitisse apreender a heterogeneidade existente neste universo juvenil. Por isso, a opção de conhecer o percurso biográfico de dois jovens que frequentavam o Centro Comunitário da Apelação e de outros dois que apenas estabeleciam relações residuais com o mesmo. Partimos do pressuposto que os dois primeiros mantinham relações privilegiadas com as instituições formais existentes no bairro, e por isso estariam mais influenciados por estas, enquanto os dois últimos frequentavam com mais assiduidade as ruas do bairro, estando aptos, desta forma, a formular um discurso mais independente. Utilizámos, também, o critério da idade – terem entre 18 e 26 anos – e de etnia – terem diferentes origens nacionais africanas – na escolha dos entrevistados.

Em cada entrevista, fizemos uma leitura a partir da lógica do entrevistado, estando atentos aos jogos de palavras, às contradições e representações. Na transcrição das entrevistas decidimos reproduzir na íntegra as suas declarações, incluindo os calões, as palavras em crioulo e outras expressões informais. Para além das entrevistas realizadas, formulámos um pequeno inquérito que foi respondido por oito jovens que estavam a frequentar o curso de informática dinamizado pela Associação Casa da Angola no Centro Comunitário da Apelação. A utilização de um diário de campo foi um eficiente meio para registar as nossas observações e reflexões durante o trabalho empírico, pois corríamos o risco de esquecer

³ Os relatos de vida dão voz àqueles que vivem o quotidiano a partir da sua subjectividade. A sua importância está nesta capacidade de nos transportar ao mundo do indivíduo, mundo invisível aos nossos olhos, porque esta metodologia é “um tipo particular de documento pessoal que leva em conta o aspecto subjectivo do social” (Poirier, 1995:146).

⁴ Entrevistámos alguns funcionários e associados do Centro Comunitário da Apelação, Divisão Municipal de Habitação da Câmara Municipal de Loures, Associação de Moradores da Quinta da Fonte, Associação Ajuda de Mãe, Junta de Freguesia da Apelação, Grupo Recreativo Apelaçonense, Programa Escolhas da Quinta da Fonte, Associação Casa da Angola, Pastoral dos Ciganos, Jardim de Infância da Apelação, Escola Básica EB1 e Escola Básica Integrada 1, 2, 3 da Apelação.

⁵ Pertencente a Câmara Municipal de Loures, é a instituição que mais reunia os jovens do bairro, designadamente num espaço chamado Apelarte.

algumas informações valiosas. Nunca fazíamos anotações de campo enquanto participávamos do convívio com os jovens do bairro, porque isso poderia ser mal interpretado e servir de obstáculo para uma maior proximidade. Quase toda a nossa observação concentrou-se no universo juvenil masculino, já que eram os rapazes os que, fundamentalmente, ocupavam os espaços públicos do bairro (rua, esquina ou campo de futebol).

O pressuposto de que a conjugação de dados qualitativos e quantitativos é o melhor método para compreender o nosso objecto de estudo nas ciências sociais direccionou-nos para a recolha de dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística – INE (Censos 2001) e pela Divisão Municipal de Habitação da Câmara Municipal de Loures. Estes dados estatísticos foram valiosos para revelar o perfil sócio-económico dos habitantes da Quinta da Fonte e medir o crescimento da freguesia da Apelação na última década. Todavia, a informação estatística sobre a população da Quinta da Fonte era muito escassa e apresentava sérias limitações, pois não havia nenhuma base de dados organizada e disponível sobre as famílias do bairro na altura da investigação.

Convém reafirmar que as conversas informais e o convívio com os jovens nas ruas do bairro, durante os meses de trabalho de campo, assim como a participação em algumas actividades realizadas pelo Centro Comunitário da Apelação, foram de grande mais-valia na percepção de uma pluralidade de sensibilidades que, cruzadas e confrontadas entre si, possibilitaram adquirir alguns dos “mapas de significação” que orientavam os jovens no quotidiano (Pais, 2003:76).

3. Apresentação do bairro: território e população

A Quinta da Fonte é um bairro de realojamento situado na Freguesia da Apelação, no Concelho de Loures, situado a 30 a 40 minutos de Lisboa numa viagem de autocarro. Com uma população residente de 3153 pessoas⁶, este bairro teve o seu início em 1996, ano em que chegaram os primeiros residentes. O processo de formação da Quinta da Fonte decorreu de forma bastante rápida e abrupta para as famílias para lá foram transferidas. O seu realojamento não foi planeado com antecedência devido à necessidade urgente de esvaziar os terrenos que ocupavam, onde seriam construídas as futuras urbanizações da EXPO 98⁷ e as vias rodoviárias que dariam acesso à ponte Vasco da Gama. Como ambos os projectos estavam calendarizados e não havia moradias projectadas para serem construídas para abrigar esta população, a Câmara Municipal de Loures, com o apoio do Plano Especial de Realojamento (PER), comprou os prédios entretanto erguidos na Freguesia da Apelação por uma cooperativa de moradores. Estes, em sua maioria, abandonaram o projecto, já que consideravam que a partilha do bairro com moradores realojados desvalorizaria os seus imóveis. Tal acabou por transformar a Quinta da Fonte num bairro fundamentalmente composto por pessoas que habitavam anteriormente barracas e/ou bairros clandestinos.

Ao percorrermos a Quinta da Fonte, notámos que os seus arruamentos estão todos asfaltados e com iluminação, as lixeiras estão em muitas esquinas e os telefones públicos não são uma raridade. Contudo, isto não impede o bairro de ter ruas sujas, porque muitos dos seus moradores deixam o lixo no chão, chegando a deitá-lo das janelas dos seus apartamentos. Os prédios do bairro possuem entre cinco a sete andares e, para um olhar

⁶ Dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes ao Censo 2001 – Recenseamento da População e Habitação.

⁷ A EXPO 98 foi um dos maiores eventos realizados em Lisboa, que proporcionou a requalificação de espaços urbanos envelhecidos e marginais em espaços emblemáticos e cosmopolitas; estabelecer uma redefinição simbólica não só da cidade de Lisboa, mas de todo país, foi um dos aspectos mais importantes deste projecto (Baptista e Pujadas, 2000).

menos atento, aparentam estar em óptimas condições de habitabilidade. Com cores que variam do castanho claro ao mais escuro e avermelhado, estes edifícios apresentam diferentes graus de conservação. Um conjunto minoritário de prédios distingue-se por possuir elevadores, jardins, portas de vidro em óptimo estado, pinturas exteriores em boas condições, interfonos, pouco lixo nas suas proximidades e, às vezes, até varandas. Os demais edifícios, que constituem a maior parte das moradias do bairro, possuem, em maior ou menor grau, as paredes exteriores grafitadas, as portas partidas (ou mesmo inexistentes), ausência de elevadores, lixo espalhado nos seus acessos, interfonos e caixas de correio danificados. Desta forma, constatámos a existência de dois tipos de ocupação na Quinta da Fonte: os edifícios pertencentes aos associados das cooperativas que permaneceram no projecto, identificados pelo melhor estado de manutenção; e os edifícios pertencentes à Câmara Municipal de Loures, destinados aos realojados, em que é patente o pior estado de conservação⁸. Com paredes feitas de *pladur*⁹, em vez de tijolo, como no caso dos prédios pertencentes às cooperativas, a qualidade da sua construção é motivo de protesto entre os realojados, como fica expresso nas palavras do Presidente da Associação dos Moradores da Quinta da Fonte:

“Todos se queixam. A população foi realojada sem ninguém lhe ensinar como se utiliza uma porta, uma campainha, o telefone interior, a sanita, toda mal construída em plástico. A população africana trabalha nas obras, com coisas pesadas, pega para partir ou para pôr no lugar, e imagina como é que um pedreiro vai viver numa casa de papelão, pladur e plástico” [Presidente da Associação dos Moradores da Quinta da Fonte].

A maior parte da população realojada é oriunda de bairros clandestinos localizados na Freguesia do Prior Velho e na Freguesia da Portela¹⁰. Contudo, há muitas famílias que habitavam outras freguesias do Concelho, o que evidencia a multiplicidade de origens residenciais dos habitantes do bairro. Na Quinta da Fonte regista-se também uma grande diversidade étnica, pois os seus moradores compõe-se do seguinte modo:

- 53% de origem africana (na sua maioria cabo-verdianos, angolanos, guineenses e são-tomenses).
- 21% de portugueses ciganos.
- 26% de portugueses não ciganos¹¹.

De acordo com declarações e entrevistas recolhidas junto a moradores realojados, e depois confirmada junto dos funcionários da Câmara Municipal de Loures, os habitantes foram dispersos pelos diversos edifícios, sem critério. A forma abrupta como foi realizado o realojamento – motivada pela urgência em se cumprir os prazos de conclusão das novas urbanizações da EXPO 98 – é registada como a razão pela qual os residentes tiveram uma participação mínima neste processo. Desta forma, as redes familiares e de vizinhança existentes nos antigos bairros foram praticamente ignoradas, situação que teve como

⁸ O bairro da Quinta da Fonte é composto por 72 prédios com um total de 776 apartamentos, dos quais 554 pertencem à Câmara Municipal de Loures. Os restantes 194 fogos estão aglutinados em 18 prédios pertencentes aos associados da cooperativa *Cheuni e O Meu Ninho*.

⁹ A placa de gesso laminado é muita utilizada em construções de baixo custo para substituir paredes e tectos.

¹⁰ Ressaltamos que alguns desses bairros ainda existem, como é o caso da Quinta da Serra, já que parte do seu território não se sobrepõe às obras de urbanização realizadas.

¹¹ Dados da Divisão Municipal de Habitação (DMH) da Câmara Municipal de Loures (Grupo de Estudos Sociais, 2004).

consequência o enfraquecimento das várias redes de suporte económico e sentimental que facilitavam o seu dia-a-dia. Segundo explicou um técnico do Centro Comunitário da Apelação:

“Este foi um realojamento quase ‘toma lá a chave, desenrasquem-se!’”
[Técnico do Centro Comunitário da Apelação].

Ao percorrermos a Quinta da Fonte constatámos que muitos prédios eram partilhados por famílias ciganas, africanas e portuguesas oriundas de diversos bairros. Tal situação dificultava a convivência entre vizinhos, bastante despreparados para viver num ambiente intercultural, tampouco num território tão denso, em termos populacionais. Além disso, parece não ter havido preocupação em explicar aos moradores como funcionavam os recursos existentes nas suas novas casas, assim como as exigências e responsabilidades decorrentes de viver num prédio (pois anteriormente viviam em barracas ou em casas clandestinas). Podemos entender que a Quinta da Fonte foi construída ignorando-se as características dos seus futuros moradores, tendo repercussões negativas na qualidade de vida destes. Esta ideia é especialmente vinculada pelo Presidente da Associação de Moradores do bairro:

“A população realojada não foi só do Prior Velho, foi de um conjunto de bairros, desde Odivelas, a Bugalheira, Catujal e outros bairros daqui da zona. Por isso é que a Quinta da Fonte é o pior exemplo de realojamento, se calhar, de todos os bairros de realojamento. (...) Quando se quer realojar uma população deve-se convidá-la a pensar isso em conjunto. Mas não foi nada disso, os agentes sociais não fizeram nenhum papel e continuam a ter um papel muito negativo, porque sensibilizar as pessoas é uma coisa, mobilizar é outra. Foi meter num saco e despejar! (...) Hoje, mais de 50% da população está descontente porque caiu numa ilusão. A Quinta da Fonte é um bairro totalmente em constante degradação: pessoal, de ambiente, de habitação” [Presidente da Associação dos Moradores da Quinta da Fonte].

Importa realçar que as habitações da Quinta da Fonte foram construídas a uma certa distância das urbanizações mais antigas da freguesia da Apelação, estando um pouco isoladas. Ou seja, os novos edifícios que integram o bairro parecem formar um conglomerado independente das restantes casas do núcleo principal da Apelação, constituindo-se como um mundo à parte, onde os moradores da chamada “Apelação velha” não ousam entrar. Esta apreciação ganha contornos ainda mais evidentes quando se trata de uma freguesia pequena como a da Apelação, com uma feição rural e composta por uma população bastante envelhecida. Para que tenhamos uma melhor dimensão do impacto da Quinta da Fonte no seio desta freguesia recorreremos aos dados relativos à sua dimensão populacional, antes e depois da incorporação do novo bairro. Se, em 1991, a população residente na Freguesia da Apelação era de 3419 pessoas, em 2001 este número subiu para 6043¹², o que representou um aumento em torno de 77%, em consequência, fundamentalmente, da formação do bairro em questão. Todas estas transformações afectaram profundamente os antigos habitantes desta freguesia, como explica o vice-presidente do Grupo Recreativo Apelaçõense, uma associação constituída pelos antigos moradores da Apelação:

¹² Dados fornecidos pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) referentes ao Censo 2001 – Recenseamento da População e Habitação.

“Aqui na nossa freguesia, e o que foi notório, e toda a gente entendeu, é que foi uma carga muito grande, muito pesada para um meio tão pequeno e de característica rural como nós éramos. (...) Todos os dias sofremos aqui com a pequena criminalidade: é assalto a automóveis, roubam viaturas e incendeiam-nas, assaltam casas em pleno dia, vão aos estabelecimentos comerciais e roubam, utilizam a força, mas miúdos! Miúdos de 12, 13, 14, esses nós já começamos a dizer que já não são miúdos, mas há miúdos de 6, 7 e 8 anos. Depois, a polícia é chamada constantemente, o problema é que a polícia não pode fazer nada” [Sr. José Carneiro].

A existência de algumas situações de conflito – zangas entre vizinhos, pequenos furtos, roubos de carros – envolvendo alguns dos moradores da Quinta da Fonte faz com que este bairro seja identificado, pelos que lá não vivem, como um local extremamente perigoso, um território racialmente conotado, no qual a imagem dos jovens descendentes de imigrantes africanos é associada ao fenómeno das chamadas *gangs*¹³. Todo este contexto dificulta a relação entre antigos e novos habitantes da Apelação, favorecendo a ocorrência de situações de tensão entre eles. É que, simultaneamente, os diferenciais de poder entre ambas as populações são muito fortes. Os antigos habitantes da freguesia possuem uma forte coesão interna e beneficiam de uma situação económica muito superior à das famílias realojadas, além de ocuparem os postos mais importantes das associações locais, tais como a Junta de Freguesia da Apelação e a Colectividade Recreativa Apelaçonense. Os laços sociais entre as famílias realojadas são bem mais ténues, não só pelo facto de viverem no bairro há pouco tempo, mas também, como salientámos atrás (parágrafo 15), pela forma como decorreu o processo de realojamento, ao misturar famílias de diferentes procedências e referências culturais. Não é, aliás, sem razão que as associações criadas pelos realojados tenham pouca força¹⁴ e persistam situações de conflito entre eles, designadamente entre as populações ciganas e de origem africana. Estamos diante do que Norbert Elias caracterizou como uma relação entre estabelecidos, os “de dentro” (established) e os marginais, “os de fora” (*outsiders*), em que os habitantes mais antigos monopolizam as fontes de poder e detêm os meios para exercer a sua superioridade social. As fofocas depreciativas, o racismo e a exclusão das fontes de poder são as armas do grupo estabelecido para afirmar a sua supremacia sobre os novos moradores, vistos através dos atributos que os associam à anomia¹⁵, delinquência e violência (Elias e Scotson, 2000). As diferenças étnicas e nacionais entre antigos e novos moradores acabam por reforçar o estatuto de “fora” (*outsider*) dos últimos, dado que a aparência física e a linguagem facilitam ainda mais o “reconhecimento” do grupo já estigmatizado. Tal como proposto por Elias e Scotson (2000), verifica-se que os moradores realojados são considerados pelos mais antigos como intrusos e potenciais ameaças à segurança e à estabilidade dos que levam uma vida “normal. Como explica Luís Baptista e Joan Pujadas:

¹³ O uso da noção de gangue ganhou destaque nos estudos da Escola de Chicago na década de 20, e é utilizada para designar uma organização com racionalidade instrumental e fins de mobilidade social entre os seus integrantes. Altamente hierarquizada e com uma identificação a um território, as gangues costumam estar envolvidas em comportamentos violentos, e podem estar ligados a actos de delinquência (Abramovay, 1999).

¹⁴ A Associação de Moradores da Quinta da Fonte exemplifica essa situação, dado que as suas reuniões eram pouco participadas e não possuía uma sede, funcionando provisoriamente na casa do seu presidente.

¹⁵ O uso do conceito de anomia foi importantíssimo para Robert Merton (1970) formular uma das obras mais influentes sobre o estudo do comportamento desviante. Segundo este autor, tal comportamento não é fruto de uma personalidade patológica adquirida pelo indivíduo à nascença, mas da influência de estruturas sociais e culturais em estado de anomia que exerceriam pressão sobre determinados grupos e segmentos da população lá inseridos (Velho, 1985).

“As relações entre novos e velhos residentes, em contextos de mutação social acelerada, tendem a ser conflituais: as mudanças que se revelam incômodas ou desconcertantes para os velhos residentes têm nos novos residentes o bode expiatório” (Baptista e Pujadas, 2000).

Esta conjuntura agrava-se quando são os próprios meios de comunicação e algumas instituições governamentais as principais responsáveis por enquadrar tais populações neste conjunto de estereótipos, formulados a partir de uma visão extremamente simplificada das realidades sociais dos seus membros, na qual o espaço concedido à diversidade é praticamente inexistente (Bauman, 2002). Ou seja, as características dos habitantes da Quinta da Fonte são construídas por discursos exteriores ao bairro, que os identificam fundamentalmente, como pessoas problemáticas. Ao mesmo tempo, o bairro de realojamento aparece como uma unidade sócio-espacial privilegiada quando se trata de identificar fontes de violência e problemas da cidade (Fernandes, 2000), o que provoca grande insatisfação nos seus moradores, como fica patente nas palavras deste jovem:

“Eles [habitantes antigos da Apelação] não partilham muito com os que moram num bairro social. Acham que quem mora nos bairros sociais é porque é bandido, porque é isso, ou porque é aquilo, e eu acho isso mal, devem saber primeiro o que se passa para depois falar” [Entrevistado nº3, descendente de guineenses, 21 anos].

[FOTO]

4. O estigma de pertencer a uma minoria

O uso do conceito de minoria étnica nos discursos da esfera pública e política tem o como intuito delimitar uma vasta gama de “culturas” e nacionalidades com base em características sócio-culturais supostamente diferentes dos costumes portugueses. Nesta discussão está implícita a ideia de que as minorias étnicas seriam uniformes e culturalmente diferentes do “grupo maioritário”, neste caso os portugueses, também avaliados de maneira estática e homogênea. Autores como Barth (1969), pelo contrário, demonstraram a impossibilidade de se estabelecer uma delimitação estrita de um grupo por um conjunto de traços objectivos, já que a variação cultural por si só não dá conta da maneira como os limites étnicos são construídos. O foco deve privilegiar a forma como a diversidade étnica é socialmente articulada e preservada. Esta abordagem enfatiza a interacção e a interdependência entre os grupos, consideradas condições indispensáveis para a formulação das fronteiras étnicas. Esta mudança de paradigma é o que afirma Poutignet e Streiff-Fenart:

“O objecto das pesquisas sobre a etnicidade passou do estudo das características dos grupos para o estudo das propriedades de um processo social. A forma tomou o lugar da substância, os aspectos dinâmicos e racionais substituíram os aspectos estatísticos e o processo tornou-se mais importante que a estrutura” (Poutignat e Streiff-Fenart, 1997:64).

Sob este ponto de vista, a etnicidade deve ser compreendida através das relações entre os diferentes grupo sociais que estabelecem processos de inclusão e exclusão, definindo limites e diferenças entre eles, e não por um conjunto intemporal e imutável de traços culturais (línguas, crenças, valores, vestuários, ritos, culinária, símbolos, etc.), perpetuados

de geração para geração. Embora estes tenham sido construídos sob a égide de uma suposta história comum, os processos de interpretação e de selecção por parte de uma “memória colectiva” nunca cessaram. Os traços culturais que diferem os grupos étnicos são dinâmicos e contextuais, sendo (re)criados num plano de interacção social com outros grupos dentro de um contexto histórico concreto (Barth, 1969). A questão específica da etnicidade relaciona-se com a crença em uma origem comum, arquitectada através de uma interpenetração de certos acontecimentos e determinados personagens lendários. Neste processo é fabricada uma série de símbolos identitários, supostamente representativos de uma identidade étnica particular.

“(…) caracteriza-se [a identidade étnica] por ser uma identidade que se nutre do passado, um passado mítico em que se situa a comum ascendência, a origem comum dos que integram a colectividade. É esta dimensão histórica, a sensação de formar uma comunidade de parentesco – simbolizada popularmente pelo sangue – o que diferencia o grupo étnico de um mero grupo cultural, linguístico ou religioso”¹⁶ (Stallaerte, 2004:20).

Aquilo que os novos estudos etnográficos parecem demonstrar é que a homogeneidade é tão artificial no caso dos portugueses quanto no de diversos grupos minoritários (Costa, 1999; Contador, 2001; Pais, 2003). O estatuto de minoria étnica atribuído aos imigrantes e outros grupos étnicos acaba por “menorizar” estas populações, o que tem como consequência o afastamento dos seus integrantes das fontes de poder. O exemplo mais visível é a dificuldade que os imigrantes e os seus filhos têm de conseguir a cidadania portuguesa e exercer a plena participação política. Neste processo de “menorização”, realizado principalmente pelas autoridades do Estado e meios de comunicação, é atribuída às minorias étnicas uma identidade estigmatizada e negativa, na medida em que esta categoria costuma estar associada à pobreza, à violência, à negritude, aos bairros de realojamento, aos trabalhos precários, às drogas, enfim, a uma vasta gama de atributos estereotipados e preconceituosos. Tal como mostra Fradique:

“A associação entre etnia, desigualdade social e cultura leva a pensar nas minorias étnicas como uma espécie de nova classe cultural, tornada homogénea exactamente a partir de uma mistura pouco clara dessas três categorias e criada, sociológica e politicamente, para gerir as novas configurações inerentes às sociedades pós-coloniais” (Fradique, 2003).

Na verdade, o conceito de minoria funciona como um código dado pela “cultura dominante” que serve para as instituições políticas e sociais simplificarem e delimitarem determinados contextos vistos como problemáticos. Muitas das pessoas consideradas como sendo minoria por estas instituições não se concebem como tal, sendo poucas as que se sentem plenamente identificadas com o estatuto de inferioridade que caracterizam esta denominação, como é sublinhado por Hans Vermeulen:

“A ‘imagem de nós’ ganha forma apenas em contraste com a ‘imagem deles’. De resto, os grupos em interacção quase nunca têm a mesma definição da situação ou das identidades de cada um e, com frequência, influenciam-se reciprocamente nas percepções – de forma desigual, porque raramente existe um equilíbrio de poder” (Vermeulen, 2001).

¹⁶ Tradução do autor.

A maior parte da população da Quinta da Fonte é duplamente segregada e discriminada, pois, além de habitar um bairro com uma má imagem, é estigmatizada por ser negra ou cigana. Possui, ainda, um estatuto social bastante frágil, na medida em que está inserida num ambiente sócio-cultural de fraca estabilidade e protecção¹⁷. As suas identificações locais estão marcadas por diversos discursos preconceituosos, o que propicia uma limitação de perspectivas e possibilidades de ascensão social. Isto é, a forma como o espaço está organizado e é representado pela sociedade acaba por contribuir para a perpetuação e sedimentação dos estatutos precários dos seus habitantes. Esta realidade pode ser melhor entendida pelas palavras de um jovem residente da Quinta da Fonte, que, ao ser questionado sobre as maiores dificuldades enfrentadas por quem procura trabalho, aponta:

“Às vezes, quando você quer arranjar um emprego e diz que é desse bairro, a pessoa prefere não te dar emprego. E é muito chato porque pode haver pessoas aqui melhor que outras, que por estarem num bairro que apresenta uma imagem diferente, uma imagem não violenta, acaba por ficar no emprego, e o outro, só porque pertence a um bairro que é mal falado, tem um mal ambiente, acaba por ficar sem emprego” [Entrevistado nº1, descendente de cabo-verdiano, 24 anos].

Esta afirmação revela as dificuldades que os jovens do bairro enfrentam para conseguir entrar no mercado de trabalho, reforçadas pelos fenómenos da estigmatização a que são sujeitos. Em processos de selecção laboral, muitos julgam ter sido preteridos após informarem a sua morada. Por isso, muitos optam por fornecer endereços falsos. Todos os jovens com quem conversámos na Quinta da Fonte já tinham vivido situações que podem ser consideradas discriminatórias, inclusive os brancos, uma experiência bastante vulgar para quem é pobre e habita um bairro socialmente mal-afamado. Muitos desses jovens disseram que são frequentemente seguidos por seguranças em supermercados e centros comerciais e observam pessoas desviarem-se ou protegerem as suas malas quando notam a sua presença. Eles interpretam essas atitudes como demonstrações do medo e da aversão que provocam.

5. Quando a posição de classe, a pertença étnica e a estratégia educacional são indissociáveis

Em alguns estudos precursores sobre as estratégias familiares na educação dos filhos, como é o caso da obra de Melvin Kohn (1959), atribuiu-se bastante importância às condições de ordem estrutural. Nesta investigação, o autor defende que as famílias de diferentes classes sociais desenvolveriam diferentes valores, em virtude de condições de vida específicas, que se expressariam em modos de socialização familiar igualmente distintos (in Seabra, 1999). Embora não queiramos cair num “fatalismo sociológico” – que faria com que qualquer indivíduo que nascesse no seio da classe trabalhadora tivesse o seu percurso emocional e intelectual pré-definido –, a localização de uma família na hierarquia das classes sociais influencia a construção de distintos projectos de vida (Velho, 1987) e de socialização familiar (Seabra, 1999).

Pensamos que a socialização deve ser entendida como um processo interpretativo em que se conjugam a adaptação e a acção. Ou seja, não devemos pensá-la como uma “corrente de transmissão” unívoca e estática, cuja emissão e recepção de regras e valores entre gerações são feitas passivamente “de cima para baixo”; mas, antes, como um processo cumulativo de experiências relacionais e de vivência quotidiana, cuja interpretação apresenta uma vasta

¹⁷ Grande parte dos moradores da Quinta da Fonte não tem a cidadania portuguesa – nomeadamente os imigrantes e seus descendentes –, situação que impede o direito de voto.

heterogeneidade. Para tentar não ignorar esta faceta, muitos autores preferem usar a denominação de “processo em constituição”, pois este “(...) dá conta, de uma forma dinâmica, do permanente processo de formação das pessoas e permite evitar um certo determinismo subjacente ao conceito de socialização, não retirando peso e importância à família” (Lima, 2004). Em relação aos jovens da Quinta da Fonte, todos os membros de associações e instituições presentes no bairro enfatizaram, com veemência, as suas graves dificuldades económicas. A Pastoral dos Ciganos da Apelação é uma IPSS (Instituição particular de solidariedade social) que trabalha com crianças do bairro de origem africana e cigana no seu jardim-de-infância. De acordo com a sua responsável “Este bairro, a nível da população africana, tem muitos problemas, crianças com problemas muito graves que tocam muito. (...) o que eu noto é que há muita miséria, alguns é mesmo miséria e outros vivem na miséria mas têm carro à porta de casa, mas para a criança não há nada. Há um desleixo completo (...) Muitos deles, quando têm algum problema, é ao Di e à Rita, os nossos monitores, que recorrem, não é ao pai ou à mãe. [Funcionária da Pastoral dos Ciganos da Apelação]

Esta afirmação ajuda a sustentar a ideia de que as diversas estratégias de educação familiar desta população, assim como a sua relação com a escola e com o mercado de trabalho, terão de ser pensadas em conjunto com a posição de classe destas famílias, os recursos que podem usufruir e os projectos e perspectivas que aspiram. Foram muitos os investigadores que problematizaram as diferentes estratégias de educação familiar no seio de classes sociais distintas. De acordo com algumas destas teorias (Kohn, 1959; Lautrey, 1984; Kellerhals e Montandon, 1991; Bourdieu, 1998), os meios sociais mais favorecidos valorizariam mais o domínio de si, a autonomia e a curiosidade, existindo uma orientação de deixar as crianças fazerem a sua própria experiência, usando a persuasão como “ferramenta” de controlo. Enquanto que as famílias oriundas dos meios populares tenderiam a valorizar mais a ordem e a disciplina, na qual a atitude autoritária prevaleceria. Esta perspectiva tem muitas semelhanças com a investigação desenvolvida por Teresa Seabra, ao observar “a inequívoca saliência das classes sociais na diferenciação das estratégias de socialização familiar” (Seabra, 1999:30).

Com efeito, aquela autora (Seabra, 1999:30) ressalta a necessidade de examinar o papel da família no contexto das redes sociais que a envolve. Isto é, considera que não devemos deixar de fora da análise outros processos de interacção em que os jovens participam, tais como o grupo de pares, as redes de vizinhança, a inserção laboral, a influência dos meios de comunicação ou a escola. É que, ao moverem-se em múltiplas instâncias sociais, os jovens são influenciados por diferentes processos em constituição, o que nos obriga a analisar os elos de ligação desses diferentes contextos particulares. De acordo com a investigação realizada por essa autora (Seabra, 1999), configuram-se dois modelos de estratégia familiar na educação das crianças, influenciados pelas distintas forma como as famílias filtram, mediatizam e controlam a influência das outras instâncias socializadoras. Contudo, teremos que salvaguardar a diversidade e heterogeneidade no seu interior, na medida em que concebemos estes dois modelos enquanto “tipos ideais”. Estes modelos dizem respeito a diferentes estratégias familiares na socialização das crianças e jovens que variam conforme as classes sociais a que pertencem:

- A **estratégia contratualista** que seria partilhada pelas famílias pertencentes a um meio social de extracto médio ou alto, mais ligada à burguesia, cujos integrantes completaram e/ou frequentaram um curso do ensino superior ou um curso médio. Nestas famílias costuma-se incentivar as potencialidades da criança e a sua sensibilidade segundo técnicas baseadas na empatia e no diálogo, além de haver uma maior coordenação e abertura com outras instâncias socializadoras (Seabra, 1999).

- A **estratégia estatutária** que apareceria em oposição à primeira e associada a famílias de origem social mais desfavorecida, cujos membros desempenhariam trabalhos ligados ao operariado e à pequena burguesia de execução. As habilitações literárias destas famílias tenderiam a ser mais baixas, variando entre o 4º e o 11º anos. As características e os objectivos da estratégia estatutária “salientam a importância da acomodação às normas sociais vigentes, procuram, de modo coercitivo, assegurar a manutenção desta estabilidade normativa e atribuem às outras instâncias socializadoras um papel específico e restrito, participando de forma distanciada” (Seabra, 1999:50).

Neste trabalho atribuiremos maior ênfase à estratégia estatutária – por razões que se prendem com a posição de classe das famílias da Quinta da Fonte na divisão social do trabalho –, relacionando-a com o universo da escola. As famílias que se “encaixariam” neste tipo de estratégia costumam ter uma metodologia educacional autoritária e coercitiva em relação aos seus filhos, pretendendo condicionar as crianças através do medo e da violência. Um jovem que habita o bairro contou-nos um pouco da influência dos seus pais durante o percurso escolar, revelando-nos o carácter heterogéneo e complexo deste processo em constituição:

“Eles acompanhavam o meu estudo. Se eu chumbava, andava na porrada entre aspas. Eles falavam um pouco do percurso que eles tiveram, que foi difícil terminar os estudos, para nós nos mentalizarmos que temos de estudar, que eles antes não tinham nada, e batalharmos. Era comum eles dizerem: “Aproveitem, que no nosso tempo não havia nada disso!” [Entrevistado nº1, descendente de cabo-verdianos, 24 anos].

Neste caso, as duas estratégias referidas parecem conjugar-se, pois, ao mesmo tempo em que nos narra aspectos autoritários dos seus pais, o carácter da persuasão está presente. A explicação talvez possa ser encontrada no facto de a mãe deste jovem ter sido professora em Cabo Verde (trabalha actualmente como empregada de limpeza, dado que não aceitaram as habilitações e os certificados que trouxe do seu país de origem) e, simultaneamente, pertencer a uma classe social baixa. Ainda assim, consideramos que a prática do diálogo é a que prevalece, de acordo com a citação anterior. A pesquisa de Teresa Seabra é esclarecedora ao concluir que sanções severas aplicadas pelos pais aos filhos não é uma prática tão comum nas famílias de classes sociais mais baixas, mas antes há uma tendência de substituir a punição física pela adopção da persuasão e do “sistema de castigos” (Seabra, 1999). A relação de grande parte das famílias da Quinta da Fonte com a escola pode ser caracterizada, de forma genérica, como distanciada. As famílias que adoptam este tipo de estratégia educativa (estatutária) tendem a ter muita dificuldade em entrar e participar no “mundo da escola”, cuja relação acaba por ser marcada pela exterioridade. Em conversas com professores e técnicos das escolas e instituições do bairro em estudo, a fraca participação dos pais foi mencionada inúmeras vezes, como nas palavras da vice-presidente da escola EB1 da Apelação:

“O principal problema da escola, na minha opinião, é a falta de participação da família. A família não se envolve, ou, se calhar, nós, professores, não conseguimos o envolvimento da família. (...) Nem nas reuniões de pais nós conseguimos. Há uma ou outra turma de excepção, mas por média conseguimos 6 ou 7 pais numa turma de 22 ou 23 meninos. Não há participação da família, e não havendo participação da família

as crianças também não valorizam a escola, é quase o andar cá porque alguém diz que tem de ser, mas ninguém explica porque é que tem de ser...” [Vice-presidente da escola EB1 da Apelação].

Outra professora, desta vez do Jardim-de-infância da Apelação, expressa a mesma angústia em relação à fraca participação da família no universo escolar:

“A nossa maior dificuldade é na colaboração dos pais e na estabilidade das crianças. Falo mesmo da estabilidade emocional de algumas crianças, porque não são crianças estimuladas, todo o trabalho de estimulação é feito no Jardim-de-infância, porque os pais se desinteressam completamente, ou então têm também graves dificuldades” [Educadora do Jardim de Infância da Apelação].

De acordo com a investigação que realizámos no bairro, o principal factor a explicar a ausência de interacção entre escola e famílias não reside na pouca importância que estas possam dar à escolarização dos filhos, já que nas entrevistas realizadas notou-se que a escola era encarada pela maior parte das famílias como algo importante. Consideramos que o insuficiente diálogo entre essas duas instâncias – família e escola – deve-se à vulnerabilidade económica da população em causa, com reflexos no conjunto das expectativas, dos valores e projectos de vida construídos pelas gerações mais novas. Grande parte das famílias da Quinta da Fonte desempenha os trabalhos mais precários, mal pagos e desprestigiados da sociedade portuguesa, sendo obrigatório, para muitas delas, fazer horas-extras ou acumular outros empregos de modo a complementar os baixos rendimentos. Esta situação dificulta aos pais acompanharem com mais atenção a trajectória dos filhos, inclusive nas questões relativas ao desempenho escolar. Aponta neste sentido a declaração de um jovem do bairro, ao interpretar as razões para o baixo aproveitamento escolar de alguns estudantes da Quinta da Fonte:

“Para mim, uma das causas é os pais não terem tempo. Há pais que quase não vêm os filhos, só vêm aos fins-de-semana, levantam-se de madrugada para ir trabalhar e só voltam quase à noite: ou o filho está na rua ou o filho está já a dormir. Ou se o filho está em casa, o pai ou a mãe estão já a dormir porque têm que ir trabalhar amanhã. E não é que não haja interesse, falta tempo para os pais, tipo, chegar do trabalho e perguntarem ao filho: “O que é que fizeste hoje na escola? Como é que estava a escola? O que a professora te recomendou? Tens que estudar mais! Tens que fazer isso!”. Raramente há pais que perguntam isso porque se calhar não têm tempo, estão sempre: trabalho – casa, casa – trabalho, e é muito chato, os jovens não são acompanhados. E às vezes também na escola há professores que - não são filhos deles - dizem: “Querem vir estudar, vêm, se não quiserem podem ficar em casa”. Eles optam por ficar no bairro, e isso é mau para eles porque depois, no futuro, eles, se calhar, não arranjam emprego, não têm muita facilidade para arranjar emprego” [Entrevistado nº3, guineenses, 21 anos].

A pobreza em que vive grande parte das famílias da Quinta da Fonte impede uma maior participação dos pais nos domínios da escola. Esta situação prende-se ao facto de muitos moradores deste bairro realizarem os trabalhos mais precários e instáveis da sociedade portuguesa, designadamente a construção civil (no caso dos homens africanos) e os serviços de limpeza (no caso das mulheres africanas)¹⁸. Desta forma, a dimensão económica influencia decisivamente o domínio escolar, dado que para as famílias que vivem em dificuldades financeiras a reprovação dos seus filhos na escola é relativamente pouco

¹⁸ A população cigana do bairro trabalha, fundamentalmente, na venda ambulante.

importante se comparada com as exigências mais elementares de sobrevivência. O carácter preponderante dos aspectos económicos é expresso por uma técnica da Associação Ajuda de Mãe, uma instituição que faz atendimentos no bairro:

“Os problemas económicos condicionam tudo, condicionam o tempo, condicionam o tipo de trabalho que as pessoas têm, que às vezes saem de manhã e só voltam à noite, e daí não haver muita disponibilidade para brincar com as crianças, para lhes dar atenção. Muitas vezes não há tempo, outras vezes é mesmo desconhecimento, e nós tentamos chamar a atenção, porque muitas vezes as pessoas nem sabem que é importante brincar com os seus filhos” [Técnica da Associação Ajuda de Mãe].

Por isso, o contexto de pobreza em que vivem muitas famílias da Quinta da Fonte acaba por produzir reflexos no aproveitamento escolar das gerações mais novas. Tais alunos terão menos hipóteses em conseguir um desempenho satisfatório, não só por causa das questões relacionadas com a falta de apoios e recursos, mas também pela maior dificuldade dos pais em acompanhar o desempenho escolar dos seus filhos. Há um desencontro de saberes e de tipo de socialização entre a família e a escola, além de existir um forte sentimento de impotência da primeira em relação à segunda. A escola é considerada pelos pais como uma instituição onde os filhos poderão obter conhecimentos que eles não dominam nem podem transmitir (Seabra, 1999). Porém, muitos educadores ponderam que há famílias no bairro que dão pouco importância ao desempenho escolar dos seus filhos. Tal situação ocorreria mais entre as famílias ciganas, como diz a vice-presidente da escola EB1 da Apelação:

“(…) há crianças que são quase negligenciadas. São deixadas de manhã, os pais vão trabalhar cedíssimo, eles tomam conta deles próprios. Vêm trazer os irmãos ao infantário e depois voltam para a casa e almoçam sozinhos. Há dois anos que temos serviço de refeitório e muitos já vêm almoçar aqui para não estarem sozinhos em casa. Mas há muitas situações em que depois o aproveitamento é complicado, as crianças estão cansadas, não têm estímulos, muitos deles vêm à escola porque têm de vir. A família, talvez mais a nível da família cigana, não dá grande valor à escola, e eles acabam por até estarem revoltados por estar aqui e inventam todas as artimanhas para chamar a atenção, para provocar alguma reacção, alguma agitação no sistema. É difícil o aproveitamento. Há crianças com bom aproveitamento, mas mesmo com estas crianças é complicado, porque o ambiente é todo muito pesado, é sempre complicado uma criança conseguir ter um bom aproveitamento...” [Vice-presidente da escola EB1 da Apelação].

Uma das conclusões a que chegou Teresa Seabra (1999) na sua pesquisa associa o fraco desempenho escolar das crianças de origem mais desfavorecida à forma distanciada como os seus pais percebem a escola. Segundo esta socióloga, há uma maior separação entre as esferas da família e da escola que se reflecte no tipo de participação e de controlo que a primeira desenvolveria. Estas famílias teriam mais dificuldade na participação do domínio escolar, não percebendo a escola como complemento da esfera familiar, já que lhe atribuem um papel restrito e específico. Não seria a falta de interesse dos pais em acompanhar a escolarização dos filhos o principal adversário para um maior aproveitamento escolar destes, mas as dificuldades de comunicação entre estas duas instâncias. Estas seriam reforçadas pelo desconhecimento, pela impotência e fraca confiança destas famílias em relação ao universo escolar, dada a situação de vulnerabilidade e de empobrecimento em que algumas se encontram.

Lançamos a hipótese de existirem desentendimentos e desencontros entre os tipos de saber e as formas de comunicação praticadas pelas famílias da Quinta da Fonte e os das instituições de ensino (Seabra, 1999). Consideramos que este distanciamento aumentou, no caso das famílias do bairro em estudo, devido a factores associados ao processo de realojamento referido anteriormente. Esta conjuntura de distanciamento e incompatibilidade entre os domínios da família e da escola – que não é exclusiva das famílias de origem africana e cigana, atingindo também os portugueses realojados – repercute-se na motivação dos jovens estudantes do bairro para continuar os estudos e no tipo de projecto que estes constroem para a sua vida.

Alguns autores atribuem à etnicidade uma fonte de diferenciação social tão importante como a posição de classe na estruturação das sociedades actuais (Glazer e Moynihan, 1975; Parkin, 1979), especialmente num contexto em que, com as descolonizações, os fluxos migratórios se intensificaram. No estudo dos jovens descendentes de imigrantes africanos esta variável é bastante relevante, nomeadamente quando se trata de conhecer as lógicas de educação familiar e de inserção laboral desta população (Machado, 1994; Pais, 1999; Raposo, 2007). Para algumas famílias da Quinta da Fonte, formulámos a hipótese de os factores de pertença étnica contribuírem para aumentar o desencontro entre os processos de socialização familiar e inserção escolar. Ao perceberem que as referências culturais dos países de origem dos seus pais são pouco valorizadas, não é de espantar a reduzida identificação desses jovens com o conteúdo educacional transmitido pela escola. Além disso, não há articulação desse conteúdo com as experiências dos jovens fora dos seus muros, o que torna a escola descontextualizada e distante das expectativas e necessidades de grande parte dos alunos da Quinta da Fonte. Tanto as dificuldades enfrentadas pelos jovens no seu dia-a-dia como a riqueza das suas expressões culturais (em que o crioulo é apenas um exemplo) são ignoradas ou, no mínimo, pouco aproveitadas pelas instituições de ensino. Esta realidade faz com que o percurso escolar dos jovens das camadas populares seja marcado pela desmotivação, dado este ser uma “coleção” de experiências negativas (Dayrell, 2005). A necessidade de se estabelecer uma “ponte” entre a escola e as referências culturais dos jovens de origem africana pode ser detectada nas palavras de um jovem do bairro:

“Aqui no bairro, eles [os jovens] só vivem com africanos e têm um pouco a cultura dos pais, e quando vão para a escola encontram uma cultura diferente. Depois, em termos de integração, já fica um bocado difícil para eles. Eles não reagem muito bem quando encontram uma cultura diferente, acho que a principal dificuldade deles na escola está na integração noutras sociedades. (...) Então, nós aqui no bairro, tudo o que nós temos aqui: fala-se crioulo, depois a comida que temos é totalmente diferente, depois conhecemos mal a cultura dos próprios portugueses” [Entrevistado nº1, descendente de cabo-verdiano, 24 anos].

Só poderemos compreender a etnicidade do ponto de vista relacional, ou seja, na relação com o Outro. Portanto, os fenómenos de estigmatização e discriminação sofridos por muitos filhos de imigrantes são cruciais para compreender os múltiplos processos de construção identitária, assim como o desenvolvimento da sua trajectória escolar e profissional. A localização isolada do bairro, a existência de um estatuto social vulnerável entre os seus habitantes (grande parte dos jovens de origem africana não tem a nacionalidade portuguesa, como é o caso dos entrevistados 2 e 3) e a segregação de que são vítimas são alguns dos fenómenos centrais para a apreensão da vida social desta camada juvenil. Quase todos os jovens com quem conversámos na Quinta da Fonte salientam a especificidade da cor da pele e da nacionalidade estrangeira como uma barreira para se entrar no mercado de trabalho:

“Está muito difícil, é muito difícil. O jovem de origem africana encontra emprego onde os outros não querem, onde aqueles que têm mais possibilidades acham que não é aquilo que eles querem fazer, o que torna tudo mais difícil” [Entrevistado nº3, descendente de guineenses, 21 anos].

Para estes jovens – mesmo para aqueles que conseguiram concluir o secundário e que apresentam um bom aproveitamento escolar – é muito difícil conseguir emprego fora do sector da construção civil. A entrada deles no mercado de trabalho inicia-se bastante cedo, entre os 14 e os 16 anos, quando acompanham o pai numa obra para conseguir uns “trocós” durante o período das férias escolares. Entretanto, a obtenção de trabalhos alternativos (fora da construção civil) é referenciada por todos como algo bastante difícil, até porque as suas redes sociais de interajuda estão mais localizadas dentro deste segmento profissional. Apesar de sabermos que as situações de continuidade laboral são as que prevalecem para os filhos de imigrantes africanos, verifica-se uma maior heterogeneidade de emprego entre eles do que em relação aos seus progenitores. O trabalho em lojas, restaurantes (como a *Telepizza* ou *McDonald's*) e empresas de segurança e na distribuição de panfletos são algumas das alternativas encontradas, cujo denominador comum é a precariedade da relação laboral. Porém, encontramos alguns percursos profissionais distintos, em que alguns jovens conseguiram inserir-se em áreas melhor remuneradas e, por vezes, ligadas às novas tecnologias, tais como montagem de computadores, fotografia, vídeo, produção musical e pintura de veículos. Estes são exemplos minoritários, já que o desemprego e a precariedade estão disseminados por esta população. Como até na construção civil se vive uma crise de emprego, o projecto de emigrar é bastante comum entre estes jovens, que muitos já passaram à prática:

“Portugal em termos de emprego está mal, ele [o seu irmão] como um jovem que está a pensar no futuro, já tem mulher e filho, não pode viver um bocado à “sombra da bananeira”. (...) Ele trabalhava, depois o trabalho parava, depois para tentar arranjar trabalho demorava algum tempo. E como ele já tinha família, quer dizer... Ele disse que não dava, teve que ir para fora. Ele foi primeiro para Londres, não correu como ele estava a pensar, voltou para Portugal e depois foi para a França. Agora está a trabalhar em Nice. (...) Se a situação de Portugal não melhorar... Se eu vir que para ficar mais estável na vida é preciso emigrar, não tenhas dúvidas que eu vou, sem pensar duas vezes” [Entrevistado nº1, descendente de cabo-verdiano, 24 anos].

Notámos que existe uma série de aspectos comuns aos jovens de origem africana da Quinta da Fonte. Todos eles são pobres, negros e exercem precariamente o seu direito à juventude – dado o pouco espaço que encontram na sociedade –, estando praticamente sozinhos no seu processo de construção como sujeitos. A escola vira-lhe as costas ao ignorar os temas que mais lhes interessam (geralmente passados fora dos seus muros) e desvalorizar a suas referências culturais familiares; e o trabalho pouco contribui para o seu engrandecimento pessoal e equivale ao preenchimento dos postos mais desvalorizados socialmente. Desta forma, os jovens estão a abandonar a escola e não conseguem ingressar no mercado de trabalho formal. Eles constroem as suas referências positivas fora das instituições formais e aproveitam o espaço urbano à sua volta e os laços informais que estabelecem entre si para impulsionarem os seus projectos e ideais. A conclusão parece evidente: a sociedade não está a criar espaços capazes de acolher estes jovens, pelo contrário, está a converter-se em sua inimiga (Lemus, 2002).

6. Conclusão

Percebemos nos capítulos anteriores como é importante articular a esfera da família com a posição de classe e a pertença étnica dos jovens da Quinta da Fonte para compreendermos os seus percursos escolares e profissionais. Concluimos que são dimensões inseparáveis da vida social dos indivíduos, incidindo de forma contundente na formulação das suas expectativas, perspectivas e representações. Foi fundamental analisar o processo de realojamento da Quinta da Fonte e conhecer o “quadro de interação local” de modo a podermos contextualizar as dimensões acima mencionadas (Cordeiro e Costa, 1999), dado que estas não actuam sobre um “vazio social”.

Notámos que os problemas de aprendizagem escolar dos jovens da Quinta da Fonte são consequência do distanciamento existente entre os domínios familiar e escolar, que empreendem diferentes tipos de socialização. A situação de pobreza de muitas famílias do bairro não só dificulta a sua participação nas actividades da escola (muitas não têm tempo ou suficiente formação para fazer um bom acompanhamento na educação dos filhos) como promove uma estratégia educacional em que os saberes e as formas de comunicação difundidas não estão suficientemente em sintonia com as impulsionadas pelas instituições de ensino. A problemática da filiação étnica agrava ainda mais este quadro, dado que o programa escolar não abarca interesses e preocupações específicas dos jovens de origem africana, existindo um reduzido diálogo intercultural.

Ao serem negros e pertencerem às classes sociais mais baixas da sociedade portuguesa, os jovens de origem africana da Quinta da Fonte dificilmente conseguem bons empregos e escapar da precariedade. Regista-se uma reprodução geracional na forma de inserção no mercado de trabalho. Importa ressaltar que, ao viverem na Quinta da Fonte, as dificuldades para superar um estatuto vulnerável e precário são bem maiores. A estigmatização a que estão sujeitos – não apenas por habitar um bairro socialmente mal-afamado, mas também devido ao facto de serem pobres, negros ou ciganos – exerce um “poder paralisante” na tentativa de conseguirem ultrapassar as dificuldades enfrentadas no quotidiano (mercado laboral, inserção escolar, participação associativa, etc.), contribuindo para a perpetuação das suas condições de vida.

Por último, vale a pena conjugar as questões acima mencionadas com a operacionalização do conceito de projecto individual (Velho, 1987). Este conceito apresenta-se como uma oportunidade de se conseguir observar continuidades e descontinuidades no interior da mesma categoria social (sejam classes sociais, grupos étnicos ou religiosos), constituindo-se uma ferramenta teórica útil para reconhecermos a riqueza e a multiplicidade de trajectórias individuais na nossa sociedade (Pais, 2003). A relação entre projecto individual e dimensões da vida social em que o agente participa é crucial para entender esse conjunto de processos, pois “(...) os projectos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interacções interpretadas” (Velho, 1987:26).

7. Referências Bibliográficas

AGIER, Michel (2001), «Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização», MANA – Estudos de Antropologia Social, vol.7, nº2, 7-33;

ANTUNES, Marina (2002), Estrela d'África, um bairro sensível. Um estudo antropológico sobre os jovens na cidade da Amadora, Tese de Doutoramento em Antropologia Social, Lisboa, ISCTE;

BAPTISTA, Luís e Joan Pujadas (2000), «Confronto e Entreposição: os efeitos da metropolização na vida das cidades», Fórum Sociológico, nº 3/4, 293-308;

BARTH, Frederik (1969), Ethnic Groups and Boundaries: The Social Organization of Culture Difference, Bergen, Oslo, Universitetsforlaget;

BAUMAN, Zygmunt (2002), «In the lowly nowherewilles of liquid modernity», Ethnography – SAGE publications, vol. 3, nº 3, 343-349;

BOURDIEU, Pierre (1998), Escritos de Educação, Petrópolis, Vozes;

BURGESS, Robert G. (1997), A Pesquisa de Terreno: uma introdução, Oeiras, Celta Editora;

CONTADOR, António (2001), Cultura Juvenil Negra em Portugal, Oeiras, Celta Editora;

CORDEIRO, Graça Índias e António Firmino da Costa (1999), «Bairros: contexto e intersecção», Gilberto Velho (org.), Antropologia Urbana, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 58-79;

COSTA, António Firmino da (1999), Sociedade de bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural, Oeiras, Celta Editora;

DAYRELL, Juarez (2005), A Música Entra em Cena. O rap e o funk na socialização da juventude, Belo Horizonte, Editora UFMG;

ELIAS, Norbert e John L. Scotson (2000), Os Estabelecidos e os Outsiders, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor;

FEIXA, Carles (1999), De jóvenes, bandas y tribus, Barcelona, Editora Ariel;

FERNANDES, Luís (2000), «Los “territórios urbanos” de las drogas. Un concepto operativo», M. Díaz e Oriol Romaní (org.), Contextos, Sujetos y Drogas: un manual sobre drogodependencias, Barcelona, Institut Municipal de Salut Pública;

FRADIQUE, Teresa (2003), Fixar o Movimento – Representações da música rap em Portugal, Lisboa, Publicações Dom Quixote;

FRUIN, Mark (1980), «The family as a Firm and the Firm as a Family in Japan: The case of Kikkoman Shōyu Company Limited», Journal of Family History, vol. 10, nº 2, 432-449;

GLAZER, Nathan e Daniel Moynihan (1975), *Ethnicity – Theory and Experience*, Massachusetts, Harvard University Press;

GRUPO DE ESTUDOS SOCIAS (2004), *Estudo Sociológico da População Residente em Bairros Municipais*, Loures, Divisão Municipal de Habitação da Câmara Municipal de Loures;

GULICK, John (1989), *The Humanity of Cities. An Introduction to Urban Societies*, Massachusetts, Bergin & Garvey Publishers;

HALL, Stuart (2002), *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora;

HANNERZ, Ulf (1986), *Exploración de la ciudad*, Madrid, Fondo de Cultura Económica;

HESS, Robert, D. (1970), «Social class and ethnic influences upon socialization», Paul Mussen (org.), *Carmichael's manual of child psychology*, Wiley, New York, 3ªed., vol.2, 457-557;

KELLERHALS, Jean e Cléopâtre Montandon (1991), *Les styles éducatives des familles – milieu social, dynamique familiale et éducation des pré-adolescents*, Neuchâtel, Delachaux et Niestlé;

KOHN, Melvin (1959), «Social Class and Parental Values», *American Journal of Sociology*, nº64 (January), 337-351;

LAUTREY, Jacques (1984) [1981], *Clase Social, medio familiar e inteligência*, Madrid, Visor;

LEMUS, Roberto Brito (2002) «Identities juveniles y praxis divergente; acerca de la conceptualización de juventud», Alfredo Nateras Domínguez (org.), *Jóvenes, culturas e identidades urbanas*, México, D.F., Universidad Autónoma Metropolitana, ;

LIMA, Antónia Pedroso de (2004), «Quando família e a empresa se tornam inseparáveis: homens de negócios e gestoras familiares», *Etnográfica*, vol. 8, nº1, 117-136;

MACHADO, Fernando Luís (1994), «Luso-africanos em Portugal: nas margens da etnicidade», *Sociologia – Problemas e Práticas*, nº16, 111-134;

MAGNANI, José Guilherme Cantor (2003), «De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana», *Revista Brasileira de Ciência Sociais*, vol. 17, nº 49, 11-29;

MALKKI, Liisa (2002), «News from nowhere - Mass displacement and globalized 'problems of organization'», *Ethnography*, vol. 3, nº 3, 351-360;

PAIS, José Machado (2003), *Culturas Juvenis*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda;

PAIS, José Machado e Leila Maria Blass (org.), (2004), *Tribos Urbanas. Produção artística e identidades*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais;

PARKIN, Frank (1979), *Marxism and Class Theory: a bourgeois critique*, London, Tavistock;

PARSONS, Talcott and Robert Freed Bales (1955), *Family, Socializations and Interaction Process*, Illinois, Glencoe;

PLECK, Elizabeth (1976), «Two worlds in one: work and family», *Journal of Social History*, Vol.10, n° 2, 178-195;

POIRIER, Jean (1995), *Histórias de vida: teoria e prática*, Oeiras, Celta Editora;

POUTIGNAT, Philippe e Jocelyne Streiff-Fenart (1997), *Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth*, São Paulo, Editora UNESP;

RAPOSO, Otávio Ribeiro (2005), *A Invenção do Bairro da Quinta da Fonte. O estigma de uma juventude*, Relatório Final de Estágio, Loures, Observatório da Imigração – GARSE;

RAPOSO, Otávio Ribeiro (2007), *Representa Red Eyes Gang: das redes de amizade ao hip hop*, Tese de Mestrado em Antropologia Urbana, Lisboa, ISCTE;

SEABRA, Teresa (1999), *Educação nas Famílias: Etnicidade e classes sociais*, Lisboa, Instituto de Inovação Educacional – Ministério da Educação;

SIMMEL, George (1979), «A metrópole e a vida mental», Otávio Velho (org.), *O fenómeno urbano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor;

STALLAERT, Christiane (2004), *Perpetuum Mobile. Entre la balcanización y la aldea global*, Barcelona, Anthropos Editorial;

VELHO, Gilberto (1987), *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor;

VERMEULEN, Hans (2001), *Imigração, Integração e a Dimensão Política da Cultura*, Lisboa, Edições Colibri.

WIRTH, Louis (1979), «O urbanismo como modo de vida», Otávio Velho (org.), *O fenómeno urbano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.